

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ERICA PATRICIA RUEDA

**CONCILIAÇÃO ENTRE PODER IMPERIAL E CRISTIANISMO NO *CONTRA CELSO* DE
ORÍGENES, POR VOLTA DE 250 D.C.**

Curitiba

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

ERICA PATRICIA RUEDA

**CONCILIAÇÃO ENTRE PODER IMPERIAL E CRISTIANISMO NO CONTRA CELSO
DE ORÍGENES, POR VOLTA DE 250 D.C.**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio
Supervisionado em Pesquisa Histórica, que
tem como requisito à conclusão do
curso de Licenciatura e
Bacharelado em História, do Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Professor Dr. Renan Frighetto

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela permissão da minha chegada até este momento.

Agradeço a meus pais pelo amor, pelo respeito e pela força que sempre me deram.

Agradeço a minhas amigas Giovanna e Iara pelas alegrias e palavras amigas.

Agradeço a meu professor Renan pela solicitude e paciência.

Agradeço a solicitude dos funcionários do Studium Theologicum, que me auxiliaram na busca da minha fonte primária e de outros trabalhos bibliográficos. Na época que busquei os materiais, o Studium Theologicum era afiliada a Pontifícia Universidade Lateranense de Roma. Atualmente está vinculada ao Claretiano Centro Universitário.

RESUMO

O período que vai de meados do século II a meados do século III, abarca grande instabilidade política, que é evidenciada na dificuldade dos imperadores de se manterem no poder, como também de estabelecerem um mecanismo de sucessão para os futuros imperadores. Há uma supremacia no elemento militar na disputa de poder, ficando o senado em posição desfavorável. Neste período a religião cristã expande-se por todo o império, principalmente no século III. As igrejas da Ásia Menor, do Oriente, de Roma se solidarizam, numa ortodoxia comum que é reconhecida por todas como formada de preceitos corretos ao cristianismo. Em seu entorno surgem as heterodoxias, heresias. Os cristãos intelectuais se esforçam para dar ao cristianismo uma apresentação com um pano de fundo filosófico. A filosofia helenística que mais influenciou os cristãos foi a platônica. Procuram debater com polemistas pagãos na tentativa de ganharem respeitabilidade perante aos aristocratas romanos. O cristão Orígenes é um apologista que procura realizar um profundo diálogo com a filosofia pagã de seu tempo. A cristandade sofre perseguição neste época por se recusar a prestar culto ao imperador, por considerar idólatra. É neste contexto que Orígenes se mostrará favorável ao Império, afirmando que existem duas espécies de cidades ou pátrias, uma de Deus e outra terrena. A de Deus é superior a terrena, mas ambas caminham juntas.

Palavras chaves: Cristianismo, filosofia helenística e conciliação ao Império

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Introdução.....	1
Capítulo 1.....	5
1- Política, filosofia e expansionismo cristão no tempo de Orígenes	5
1.1- O quadro político do Império Romano no tempo de Orígenes: do governo de Comodo (180-192) a Treboniano Galo (251 – 253 d. C.).....	6
1.2- Cristianismo no tempo do Império	12
1.3- Filosofia helenística e novo espírito religioso do final do século II e início do século III.....	14
1. 4- Polêmica literária entre pagãos greco-romanos e cristãos: apologias aos imperadores.....	16
1.5- Os apologistas e o império: meados do século II a meados do século III. Justino, Tertuliano e Orígenes.....	20
Capítulo II.....	23
2- A vida de Orígenes e sua obra Contra Celso.....	23..
2.1- O Contra Celso: análise num viés político.....	27
2.2- A autoridade imperial.....	28
2.3-O servilismo militar.....	30
2.4 - As duas pátrias e as duas leis.....	31
3- Considerações Finais.....	33
FONTES.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

A problemática desta monografia consiste na conciliação do poder imperial com o cristianismo, na obra *Contra Celso*, por volta de 250 d. C., de autoria de Orígenes de Alexandria. A ideia de um acordo do poder imperial com a religião cristã está delimitada no contexto da polêmica literária, que se processa no embate entre pagãos e cristãos, entre o final do século II d. C. e a metade do século III. O objeto de estudo é a obra *Contra Celso* de Orígenes, fonte primária a ser trabalhada. É através dessa fonte que será analisada o diálogo que ele faz entre o cristianismo e helenismo.

A partir de aproximadamente 150 d.C, surgem as primeiras fontes sobre a polêmica literária entre os intelectuais pagãos e cristãos. O autor Danielou¹ aborda sobre esse tema, enfatizando a polêmica literária entre os intelectuais pagãos e cristãos. Enfatiza a situação jurídica precária que estes últimos se encontram perante o Império. A recusa em prestar culto ao imperador por parte dos cristãos, era uma atitude provocadora perante a sociedade pagã. Celso é um dos primeiros testemunhos de polemistas pagãos de quem se tem notícia.

No início do século II, os cristãos ainda são vistos como membros que tinham ligação com o judaísmo. As influências apocalípticas do judeu cristianismo ainda são muito presentes em toda cristandade. A imagem do conflito entre o império e a Igreja era bem forte entre os cristãos. No entanto, a partir do governo dos imperadores Antoninos, esta visão passa a mudar progressivamente. Dessa maneira, se opera uma nova mudança na relação entre império e cristianismo. Os cristãos se mostrarão sobre outra perspectiva. Os pagãos reconhecem a originalidade dos cristãos, todavia não sabem como classificá-los. Jean Danielou trata dos testemunhos dos polemistas pagãos que apontam tanto para uma visão de um cristianismo á margem da sociedade, como também para uma visão de um cristão ingênuo, sem capacidade de pensar filosoficamente sua fé. Dois testemunhos são destacados por ele: Frontão no reinado de Adriano – em sua visão, os cristãos são como os místicos orientais, desconcertantes pelos seus poderes mágicos e desprezíveis pelos seus costumes duvidosos. O outro é o de Luciano, onde mostra cristãos sob outra visão de Frontão; não são criminosos mas apenas ingênuos.

O maior polemista pagão do século II é Celso, que escreveu sua obra “*Discurso Verdadeiro*” contra os cristãos. Sua obra foi perdida e reconstruída pelo cristão Orígenes, no século III, que responde ponto a ponto suas argumentações contra o cristianismo. Para ele, a atitude de Celso nos mostra que o cristianismo já não era visto como mais uma religião sem importância; a radicalização dos intelectuais romanos do paganismo supõe a existência de

¹ DANIÉLOU, Jean. Das Origens até o Século III. In: DANIÉLOU, Jean ; MARROU, Henri (Orgs.). Nova história da Igreja, 1: Dos primórdios a São Gregório Magno. Petrópolis : Editora Vozes, 1973

cristãos – também intelectuais² - conhecedores da filosofia grega, que, já incomodavam os pagãos educados da aristocracia romana. A radicalização dos polemistas pagãos aponta nesta direção

Especificamente sobre Celso, Olof Gigon³ trata de sua polêmica em maiores detalhes. Para Gigon, Celso fixou as linhas de discussão entre Antiguidade e cristianismo para as gerações seguintes.

A imagem dos cristãos, mostrada por Celso, é a de um grupo formado de gente ingênua e iletrada, que creem numa fé cega, sem fundamento filosófico. Alguns questionamentos de Celso, analisados por Gigon são: a crítica da ideia do Deus único dos cristãos; a objeção filosófica a ressurreição dos mortos; os cortes revolucionários das dissidências cristãs do cristianismo original, que por sua vez foi um corte do judaísmo; a falta de elegância linguística do Novo Testamento, e a recusa dos cristãos em prestar culto ao imperador. A recusa do culto ao poder imperial, que Celso, debate tem a ver com a discussão que envolve a problemática deste estudo: a conciliação do cristianismo com o Império.

Voltando a discussão de Danielou, sobre as apologias cristãs propriamente ditas, os principais apologistas são; Justino, Melito e Taciano. Justino, samaritano mas de família grega e pagã, converteu-se ao cristianismo. Dirigiu-se para Roma sob o reinado de Antonino, e lá fundou uma escola. Dentre todas as suas obras ele escreveu duas apologias, situadas entre 150 e 165. A primeira parece ser uma resposta á Frontão e foi destinada ao imperador Antonino. A segunda parece ter sido endereçada a Marco Aurélio. Em ambas as apologias, Justino exprime a ideia de que os cristãos representam a verdadeira piedade e que sua doutrina está em consonância com a dos melhores gregos. O cristianismo é a verdadeira filosofia. Justino enfatiza que os cristãos são melhores cidadãos, pois observam as leis. Denuncia a teologia pagã e a considera imoral. Em Melito, bispo da Ásia Menor, vemos uma ideia de que a expansão do cristianismo coincidiu com o desenvolvimento do poder romano, ou seja, o cristianismo contribui para a expansão do império. Quanto a Taciano, discípulo de Justino, o cristianismo também é a verdadeira filosofia. Essa ideia se repete em Justino, com a diferença de que entre os gregos só haviam deformações dessa filosofia. A argumentação histórica é importante para Taciano: a verdade é somente uma foi comunicada aos bárbaros, ou seja, aos judeus. Esta interpretação implica a continuidade entre o cristianismo o helenismo.

Os apologistas não almejavam apenas melhorar sua situação legal perante os romanos.

² Ibidem., p.108. Ver discussão.

³ GIGON, O. La cultura anyigua y el cristianismo: Madrid : Gredos, 1970

Queriam mesmo é serem os herdeiros da civilização greco-romana. Em seu esforço em unir o cristianismo com o paganismo, os apologistas proclamam a aliança da filosofia e o cristianismo, do império e da igreja.⁴

Esse contexto de polêmica literária se passa num momento em que a cristandade sofre constante ameaça de molestação da parte do poder imperial, como também da população pagã. Os cristãos poderiam ser levados a julgamento mediante á denúncias privadas. A prova das denúncias ficaria por conta dos acusadores. As regulamentações jurídicas concernentes aos cristãos permaneciam as mesmas desde Trajano. Os cristãos eram julgados por transgressão religiosa. O governo não tomava a iniciativa na investigação. Num estudo de Chevitarese ⁵,no governo do imperador Marco Aurélio esta situação se modifica. Em, aproximadamente 177 d.C, aumenta a perseguição e os julgamentos de cristãos pelo império. Existe uma novidade com relação a essas investigações; o governo consente nas buscas aos cristãos.

Depois de um certo período de paz em relação aos cristãos, no governo de Cômodo, uma perseguição a cristandade é assinalada no governo de Sétimo Severo. Baseado ainda no estudo de Daniélou, que trata da perseguição do governo de Sétimo Severo ao proselitismo cristão. Esta perseguição possui um caráter particular pois atinge aos que divulgam o cristianismo. O edito de severo, por volta do início do século III, provavelmente foi motivado por um reavivamento de correntes milenaristas, apocalípticas e de um incentivo demasiado à entrega ao martírio. O incentivo ao martírio também está relacionado a expansão da heterodoxia montanista, de origem asiática, e que cuja propaganda se espalhou pela Itália e África. O montanismo apresentava uma postura de conflito com o império. O norte-africano cristão Tertuliano saiu da ortodoxia e se converteu ao montanismo. Essas ideias de um cristianismo mais exaltado não deixavam de ter ressonância na sensibilidade cristã. Severo não era contra os cristãos, desde que aceitasse um acordo com o Império. A juventude de Orígenes é contemporânea a perseguição de Severo e foi influenciada por essa corrente mais exaltada no cristianismo.

Orígenes e Tertuliano são dois importantes apologistas do século III. Provavelmente sejam os maiores. Orígenes representa a igreja de Alexandria no Egito e o outro representa a igreja norte africana de Cartago. Ambos, porém, possuem opiniões divergentes. Tertuliano é combativo, não aceita nenhum acordo entre cristianismo e império. Já Orígenes advoga de diferente opinião, pois em sua obra *Contra Celso*, deixa claro que o imperador tem o

4 Ibidem., p. 112. Ver idéia deste autor.

5 Ver CHEVITARESE, André Leonardo. Cristianismo e Império Romano. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Orgs.). Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006.

consentimento de Deus, Logos, para comandar o império. A obra de polêmica de Celso faz eco no século de Orígenes. O que Orígenes condena na sociedade pagã e no império é o que considera nela imoral e idólatra. Para Orígenes existem duas pátrias: a terrena e a celestial, de Deus. A cidade celestial tem primazia sobre a cidade terrena, no entanto, ambas estão de acordo, desde que a cidade terrena não inflija a moral da cidade celeste. O mesmo vale também para as leis; lei da cidade e lei de Deus. A lei de Deus é superior a lei da cidade, ou terrestre, mas ambas estão em acordo, desde que a lei da cidade respeite o que é moral e coerente com a lei de Deus. O texto de Jean Sirinelli, com a organização de Jean Touchard ⁶ realiza um estudo sobre esse assunto. Diferente do espírito de Tertuliano, que não vê nenhum sentido de se ligar ao império, Orígenes procura provar que os cristãos tem interesses em viver na terra e que é possível governar juntos os cristãos e o Império.

⁶ TOUCHARD, Jean. Histórias das Idéias políticas, 1. Publicações Europa – América, 1970

Capítulo I

1- Política, filosofia e expansionismo cristão no tempo de Orígenes

O período que abarca a segunda metade do século II e a primeira metade do século III nos apresenta grandes acontecimentos políticos, militares e culturais do Império Romano. As constantes guerras civis não permitem estabilidade ao governo imperial que, além de tudo, precisam enfrentar os inimigos “bárbaros” além das fronteiras do império – germânicos do Ocidente e persas do Oriente. Os imperadores não conseguem firmarem-se no poder, estando vulneráveis as decisões do exército. No período de maior caos, que vai, aproximadamente, de 235 à 284⁷, as legiões é quem proclamam seus imperadores, sendo o Senado apenas comunicado. A maioria dos imperadores foi morta pelos seus sucessores. Os invasores “bárbaros” adentram ao império, tomando -lhe parte significativa do território. A economia é exaurida devido as necessidades urgentes das guerras. Além disso, há fome e pestilências.

Mas não somente este período é feito de desastres políticos, militares e econômicos. Nele também há grande desenvolvimento das atividades ligadas a filosofia helenística, vindas tanto do paganismo quanto do cristianismo. Das religiões orientais que entraram no império desde do século I, o cristianismo foi a que mais se expandiu pelo território imperial. Chegou para a classe “média” da sociedade romana mas atingiu também parte significativa da aristocracia. O cristianismo buscou influência na filosofia helenística e é nesta esteira que os apologistas cristãos vão realizar esforços na tentativa de convencer os pagãos cultos e a aristocracia romana de que o cristianismo é a mais perfeita expressão do helenismo; ela não é uma religião irracional, baseada apenas na fé simples e formada apenas por gente simples, ideia fomentada pelos polemistas pagãos.

Orígenes de Alexandria foi um desses apologistas. É considerado o maior autor cristão desse período, tanto pela quantidade de obras como pela influência que exerceu sobre outros autores. Foi o primeiro que inaugurou a exegese bíblica. Refuta ponto a ponto a obra perdida “*Discurso Verdadeiro*” do polemista pagão Celso que procura desmoralizar o cristianismo. Esta obra é do governo do imperador Marco Aurélio (161 – 180) e reflete o radicalismo dos polemistas pagãos o que supõe atividade de intelectuais cristãos⁸ A monografia é dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo se destina a contemplar o contexto político e social romano,

7 GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Os Severos e a Anarquia Militar. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Orgs.). Repensando o Império Romano. Perspectiva, Socioeconômica, Política e Cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006. p.175. Ver idéia desta autora. Ela coloca que este período de 235 – 284 costuma ser chamado de “Anarquia Militar”, “Crise do Terceiro Século” ou “Período dos Imperadores-Soldados”.

“Anarquia Militar” é o termo mais utilizado pela historiografia que trata do período, segundo Gonçalves.

8 Ver DANIELOU, op. cit., 108

como também a expansão do cristianismo; o segundo se destina a tratar da vida e obra de Orígenes e de analisar alguns aspectos da sua obra *Contra Celso*.

1.1- O quadro político do Império Romano no tempo de Orígenes: do governo de Comodo (180- 192) a Treboniano Galo (251 – 253 d. C.)

O imperador Marco Aurélio é considerado o último grande imperador pela historiografia romana. Mas não se viu livre das intensas invasões bárbaras germânicas, jamais vistas antes. Os inimigos do oriente também invadiram a fronteira oriental do império. Os invasores germânicos —divididos em vários povos — já haviam chegado a Itália e tomado o porto de Aquiléia no Adriático.⁹ Marco Aurélio consegue combatê-las mas a custo da grande exaustão dos cofres públicos. Criou também duas estratégias para conter os inimigos além do *limes*: os incluiu como colonos e soldados e a segunda era a anexação da Boêmia e da Sarmácia. Mas Marco Aurélio não conseguiu colocá-la em prática e morreu em 180. Assume seu filho biológico Comodo (180 – 192 d. C.) que foi considerado indigno dentre os antoninos pela historiografia romana. É no ano de 185, sob reinado de Comodo, que nasce Orígenes de Alexandria.

Comodo enfrentou várias conspirações durante seu governo, como a de sua irmã Lucila em 182, cujo o apoio obteve de alguns senadores¹⁰. Os seus prefeitos do pretório Perênio e Cleandro ¹¹ também conspiraram contra sua pessoa. O historiador romano Herodiano também comenta sobre essa conspiração. Após estes feitos, Comodo passou a ter grande hostilidade em relação ao Senado. Segundo o autor GRANT, Comodo não demonstrava que queria governar sozinho, “[...] o poder efetivo continuou nas mãos dos sucessivos prefeitos pretorianos.”¹² A conspiração responsável pela morte de Comodo foi arquitetada pelo seu prefeito Leto, com a ajuda de sua esposa (de Cômodo) Márcia e de alguns senadores. Membros da Guarda Pretoriana também contribuíram para esta conspiração.

Conforme a autora Ana Teresa Marques Gonçalves essa intervenção da Guarda Pretoriana, na morte de Comodo, foi apenas o ápice de um processo que havia se formando há muito tempo: “A Guarda Pretoriana, cada vez mais, alcançou, durante a dinastia dos Antoninos, destaque no cenário político romano. De defensores da pessoa do Imperador, os membros da Guarda foram assumindo inúmeras outras funções, como a defesa do Palácio e da família do Príncipe, até chegarem a ponto de se sentirem os responsáveis pela proteção do cargo imperial e

9 Ver em GRANT, Michael. História de Roma. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. p.291

10 Ver em GONÇALVES, op. cit., p.175.

11 Ver Ibidem., p. 175

12 GRANT, op.cit., 294.

pela indicação dos soberanos”¹³ Os guardas pretorianos assassinaram o sucessor de Comodo, Pertinax, por este ter se negado a distribuir um *donativum*¹⁴ para cada membro da Guarda, devido aos problemas da economia. Públio Hélvio Pertinax, era um rico senador e Prefeito da Cidade de Roma.¹⁵ Foi indicado pelos demais senadores e permaneceu apenas por quase três meses no poder. Após o assassinato de Pertinax, os pretorianos “leiloaram” o trono imperial e Dídio Juliano, rico senador, ofereceu – lhes grande quantia em dinheiro em troca de apoio. Sendo assim, Dídio Juliano “comprou o trono imperial” dos pretorianos e conseguiu acolhimento dos senadores. Porém, as tropas das fronteiras não lhe deram apoio e proclamaram três imperadores: Severo aclamado nas legiões da Panônia, Pescênio Nigro nas tropas da Síria e Clódio Albino nas da Britânia.

Severo foi o primeiro a chegar em Roma. Declarou- se vingador de Pertinax¹⁶ e arquitetou a morte de Dídio Juliano. Reformou a Guarda Pretoriana banindo os pretorianos para fora de Roma. Fez uma nova Guarda formada pelos melhores soldados provinciais, uma inovação, pois, somente soldados da Península Itálica eram escolhidos para esse cargo. Sétimo Severo aumentou as cortes urbanas, e estacionou nos montes Albanos, perto de Roma, milhares de soldados. Provavelmente, Severo estacionou legiões na península Itálica para uma maior defesa e mobilidade das tropas que, estando numa posição central, poderiam ser enviadas onde fosse preciso.

Para enfrentar Pescênio Nigro no Oriente, Severo toma por aliado a Clódio Albino. Proclama Albino César tornando assim seu sucessor do trono. As tropas severianas derrotaram Nigro que vinha do Oriente e estava se refugiando no território dos partos. Ao derrotar um de seus dois inimigos, Severo rompe com Albino e declara seus filhos, Caracala e Geta, como seus herdeiros. Essa atitude causa revolta em Clódio que enfrenta Severo na batalha de Lugdunum 197. Severo derrota e elimina Clódio como também seus partidários, entre eles vinte e nove¹⁷ senadores.

Ao contrário do que afirmam alguns autores, Sétimo Severo não se legitimou no poder somente com o apoio do elemento militar em detrimento do senado. De fato, Severo buscou grande auxílio entre os militares, colocando equestres em seu governo, como também ajudando as tropas estacionadas nas fronteiras. No entanto, fez questão de ser aprovado pelo senado quando associou seu nome à família de Marco Aurélio. Após derrotar os Partos definitivamente –

13 GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Os Severos e a Anarquia Militar. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Orgs.). Repensando o Império Romano. Perspectiva, Socioeconômica, Política e Cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006 p. 176.

14 Ver Ibidem., p.176

15 Ver Ibidem., p.176.

16 Ver em Ibidem., p.176.

17 Ver em: Ibidem., p.178.

batalha em que estava envolvido desde 193 d. C – Severo muda o nome de seu filho mais velho Caracala para Marco Aurélio Antonino, em 196 d. C.¹⁸ No ano seguinte Severo proclamou-se filho de Marco Aurélio e *frater Commodi*.¹⁹ A vinculação à memória de Marco Aurélio teria agradado a vários senadores mas a reabilitação de Cômodo provocou descontentamento. Afinal, a imagem de Comodo era a de um imperador indigno, diferente da de seu pai um imperador filósofo que seguiu as tradições romanas. No entanto, seria impossível se aproximar da imagem de Marco Aurélio sem reabilitar a de Cômodo.²⁰ Em relação ao elemento militar Severo conteve as oposições ao seu governo através da distribuição de donativos para os soldados. O soldo dos legionários foi aumentando no seu período e a *annona* militar foi reorganizada. Severo permitiu o casamento oficial dos soldados e a permanência de suas famílias nas cidades próximas onde permaneciam instalados.²¹ Possibilitou oportunidade de acesso dos centuriões à ordem equestre, sendo que estes últimos poderiam ascender a cargos civis e militares. Foram bastante tensas as relações de Severo com os senadores, pois concedeu o mando de várias legiões e governos de províncias aos militares ou equestres. Deu proeminência ao cargo de prefeito do Pretório em detrimento do cargo de Prefeito da Cidade de Roma, que era ocupado somente por senadores. Três famosos juristas ocuparam o cargo de prefeito do Pretório: Papiniano, Ulpiano e Júlio Paulo.²²

Com relação ao cristianismo Severo promulgou o edito que proibia o proselitismo cristão. Essa perseguição foi muito mais voltada para aqueles que divulgavam o ensinamento de Cristo, do que contra a cristandade já existente. O pai de Orígenes foi vítima dessa perseguição. Sétimo Severo morreu de doença em 211 d.C., na cidade de York, enquanto lutava com os invasores da Britânia.²³

Os filhos de Severo Caracala e Geta assumem o poder em 211. Não demorou para que a rivalidade entre os irmãos se tornasse manifesta. No ano de 211, em que governaram de maneira colegiada tomaram duas medidas: assinaram um tratado de paz com os povos invasores da Britania. Esta atitude foi considerada uma demonstração de fragilidade dos imperadores, já que preferiram o armistício do que a guerra. Caracala manda seus centuriões eliminarem Geta e busca apoio da Guarda pretoriana através da promessa de uma distribuição de trigo e moedas de prata (denários)²⁴. Caracala se apresentou ao senado para buscar o seu apoio. Vários partidários de seu irmão foram executados, inclusive um neto de Marco Aurélio, um dos possíveis

18 Ver em Ibidem., p. 178.

19 Ver em Ibidem., p.178.

20 Ver discussão em Ibidem., pp. 178-179.

21 Ver em Ibidem., 179.

22 Ver em Ibidem., 179.

23 Ver em Ibidem., p.179.

24 Ver em Ibidem., p.183.

candidatos ao governo imperial.²⁵

Caracala governou sozinho de 212 a 217 d.C. Conseguiu avançar a fronteira da Mesopotâmia e invadiu a Média, ao norte dela.²⁶ Editou uma lei imperial em 212, a *Constitutio Antoniniana*,²⁷ que concedia a cidadania romana a todos os homens livres do império. Isso fez com que se aumentasse a arrecadação de impostos e a inscrição de soldados nas legiões. Provavelmente em seu governo também se inicia a arrecadação de um outro imposto, *aurum coronarium*,²⁸ conhecido como dinheiro da coroa. Também aumentou o soldo dos legionários provocando inflação. A situação econômica era alarmante e os imperadores romanos desde os severos cada vez mais se utilizavam dos impostos para a arrecadação de dinheiro. O confisco de bens privados era mais um expediente para a arrecadação. A família de Orígenes foi uma das vítimas desse confisco. Caracala foi morto por comandados de seu prefeito do Pretório Opélio Macrino em 217 d.C.

Macrino foi aclamado imperador pelas legiões do Oriente; adotou o nome dos severos e deu o de antonino a seu filho Diadumeno.²⁹ Ele foi o primeiro imperador que não pertencia ao Senado; era *equestre*. Neutralizou a invasão dos Partos, no entanto, a aristocracia romana e as legiões estacionadas do Ocidente se colocaram contra ele. Além disso, as princesas sírias da família dos severos, Júlia Mesa, irmã de Júlia Domna, e suas filhas Júlia Soêmia e Júlia Mamea, conseguiram, através de suborno e da divulgação da notícia da existência de um filho de Caracala,³⁰ que as legiões da Síria proclamassem Heliogábalos, filho de Soêmia, imperador. Macrino acabou sendo morto junto com seu filho na Bitínia, por uma rebelião organizada por Júlia Mesa.

Heliogábalos foi apresentado como sucessor direto dos severos, como filho de Caracala, em 218d.C. Mandou executar vários opositores; entre eles estavam governadores de províncias, legados legionários e senadores³¹. Na tentativa de dar um certo equilíbrio nas contas do tesouro imperial, Heliogábalos aumentou as execuções e seus consequentes confiscos dos bens dos condenados.³² Seus costumes orientalizantes causam descontentamento a aristocracia sempre defensora da *mos maiorum*.³³ A crise econômica se mantém e as custos com o serviço de corte e manutenção do exército só aumentam. Além disso, as invasões estrangeiras se intensificam, principalmente do lado Oriental, situação que culmina na sua morte em 222 d.C. Os pretorianos,

25 Ver Ibidem., p.183.

26 Ver GRANT, op. cit., p.296.

27 Ver GONÇALVES, op.cit., p.184.

28 Ver GRANT, op. cit. p.306.

29 Ver GONÇALVES, op.cit., p.184.

30 Ver Ibidem., p.184.

31 Ver Ibidem., p.184.

32 Ver Ibidem., p.184.

33 Ver Ibidem., p.184.

aliados a Júlia Mamea, eliminam Heliogábalo e colocam no poder Alexandre Severo, filho de Mamea.

Alexandre Severo tinha apenas quinze anos quando ascendeu ao cargo imperial; recebeu muita influência das mulheres de sua família em seu governo.³⁴ Alexandre Severo buscou de maneira conjunta apoio do exército e do Senado, o que lhe conferiu a entrada no rol dos “Bons Imperadores” na historiografia imperial oficial. Nos últimos anos de seu governo, suas atenções foram voltadas para as invasões, que ocorreram de forma simultâneas nas duas fronteiras. Na eminência da guerra contra os persas sassânidas, começaram a surgir rebeliões de legionários do Egito e da Síria, que tinham como objetivo provocar uma mudança de imperador.³⁵ A inflação e as dificuldades econômicas que persistiam, diminuía o poder de compra dos soldados, causando descontentamento das legiões. As agitações internas, como a da Mauritânia em 227 d. C., a invasão dos persas 232-232 d.C.) e os Alamanos em 234-235 d.C., enfraqueceram tanto o Tesouro, o exército, como o imperador.³⁶ Vários soldados, que desejavam voltar para as suas terras no ocidente, praticavam motins. Rumores de negociações com os invasores germânicos custou a vida de Alexandre Severo e de Julia Mamea, no ano de 235 d.C.

O período que se inicia em 235 e vai até 284 é de extrema desordem política e militar. Um dos termos que a historiografia lhe confere é o de “Anarquia Militar” (235 – 284) d.C.³⁷. Os governantes precisavam mostrar sua habilidade militar para estar no comando imperial, já que a maior preocupação naquele momento era combater as invasões bárbaras. Este período também é caracterizado pelas aclamações rápidas de imperadores, pelas legiões estacionadas nas fronteiras, para a substituição dos imperadores que morriam, seja em combate com tropas inimigas, seja pelos seus próprios legionários. Os oficiais que apresentavam o perfil de bons estrategos eram aclamados em suas legiões e escolhidos como imperadores. Os imperadores não conseguiam imputar outras características ao seu governo que não fosse de aspecto militar.³⁸ Não tinham tempo de fundamentar uma política de sucessão ao trono, pois toda forma de sucessão, seja por hereditariedade ou por adoção – era irrelevante³⁹ neste momento. Os imperadores eram aclamados nas legiões estacionadas e substituíam os imperadores que morriam ou por invasores externos ou pelos próprios compatriotas das tropas descontentes com suas estratégias de combate.

Maximino tinha a característica procurada, pois era general de carreira que subiu ao

34 Ver Ibidem., p.185.

35 Ver Ibidem., p.185.

36 Ver Ibidem., p.185.

37 Termo apresentado anteriormente por Ana Teresa Marques Gonçalves.

38 Ver Ibidem., p.186

39 Ver GRANT, op, cit., p.300.

poder apenas para controlar a invasão persa e governou o Império de 235 – 238 d. C.⁴⁰ Esse imperador persegue aos cristãos. Enquanto Maximino lutava contra os invasores, Gordiano I, pro-cônsul da província da África, e seu filho Gordiano II, eram aclamados imperadores. Ambos foram massacrados por tropas imperiais em 238. Neste mesmo ano, os senadores indicaram para o cargo imperial os senadores Pupieno e Balbino, na tentativa de acalmar a situação, mas também foram massacrados por soldados provinciais. O imperador Maximino também foi vítima desse massacre. Gordiano III, com treze anos, acabou sendo aclamado em 238, sendo tutorado pelo Prefeito do Pretório Timesiteu que governou de 238 – 244 d.C.

Outro grupo de imperadores soldados surge após a morte de Gordiano III em 244d.C.. Nenhum deles conseguiu derrotar as invasões bárbaras que estavam fora de controle. Filipe, o Árabe, foi aclamado imperador em 244 e governou até 249d.C.. Buscou distrair a atenção dos súditos comemorando o milésimo aniversário de Roma⁴¹. Parece ter havido em seu governo uma relativa tolerância aos cristãos. Filipe se correspondia com Orígenes. Foi morto pelas legiões que apoiaram Décio, que comandou o império de 249 – 251 d.C. Décio foi responsável pela primeira perseguição aos cristãos decretada pelo império romano. Os cristãos foram apontados como responsáveis pela peste que assolava o Império, já que se recusavam a prestar culto ao imperador. Para reforçar uma unidade ao Império em torno da religião, Décio endureceu a perseguição aos cristãos. Orígenes foi preso nesta época. Décio tomba frente aos invasores Godos em 251 D.C. Treboniano Galo e seu co- imperador Volusiano lhe sucedem em 251 – 253. Além dos problemas além fronteiras, eles tiveram que enfrentar uma epidemia ⁴² de uma peste prolongada, talvez a peste bubônica. Morreram em combate frente a germânicos Godos, Francos e Alamanos.⁴³ Emiliano ficou poucos meses no poder em 253 d. C e também morreu em combate. ⁴⁴O imperador Valeriano, Valeriano e Galieno (253 – 268), foi capturado pelos persas sassânidas. Foi escravizado por eles e assassinado. No governo de Valeriano, houve uma renovação na perseguição aos cristãos, influenciada pelo seu ministro das finanças Macriano em 257. ⁴⁵

Seu filho Galieno (260 – 268) também teve de lidar com a grave situação pela qual passava o Império. Porém, é no seu governo que aparecem os primeiros sinais de uma espetacular recuperação militar que se dá nas décadas seguintes. Galieno reorganizou o exército separando o corpo de oficiais e a carreira senatorial; criou uma nova força móvel, baseada na

40 Ver GONÇALVES, op, cit., p.186.

41 Ver GRANT, op, cit., pp. 298-299

42 Ver Ibidem., p.299.

43 Ver GONÇALVES, op, cit., p.186.

44 Ver Ibidem., p.186

45 Ver DANIÉLOU, op, cit., p.214.

cavalaria.⁴⁶ Isso foi de grande importância estratégica para o exército romano e favoreceu o processo futuro de recuperação. Galieno conquistou uma grande vitória sobre os godos, pouco antes de perder a vida. Venceu os godos na batalha mais sangrenta do século III, a de Nissa. Foi assassinado pelas suas próprias legiões a mando de Aureliano (270 – 275) d.C.⁴⁷

1.2- Cristianismo no tempo do Império

O cristianismo expande-se de maneira extraordinária pelo mundo romano, no final do segundo século de nossa era até o século III. A população cristã era formada por indivíduos da “classe média mais baixa”, em sua maioria. Respeitados artífices das cidades, comerciantes, mulheres e administradores livres em geral contavam-se entre os cristãos. Para estas pessoas o mundo era algo solitário e impessoal e esta sensação os inclinou para o cristianismo. Isto tem a ver com a diluição das relações que essas pessoas mantinham com a aristocracia e a oligarquia das suas cidades. Já para a sociedade aristocrata romana, as tradições da cidade antiga eram cada vez mais fortalecidas. As mudanças na legislação romana favoreceram a essa evolução. Na afirmação de Peter Brown “Para os senhores gregos e romanos bem relacionados, a paz do Império dava-lhes a oportunidade de restabelecerem e fortificarem os costumes da cidade antiga. Para os mais humildes, era diferente; significava horizontes mais vastos e ocasiões novas de viajarem; significava a erosão das diferenças locais através do comércio e da emigração, o enfraquecimento das antigas barreiras ante a nova riqueza e o novo conceito do direito. Imperceptivelmente, o Império Romano anulava, entre as classes mais baixas, o sentido da tradição e da lealdade local de que dependiam as classes superiores.”⁴⁸ Peter Brown associa essas mudanças com o crescimento do cristianismo. Essas pessoas que não se sentiam vinculadas as obrigações cívicas da sua cidade, foram tocadas pelos inquietantes pensamentos do cristianismo como também de outras vertentes religiosas dos séculos I e II.

Os deuses subordinados a um Deus superior e que davam as bênçãos diretamente às pessoas satisfaziam os membros da aristocracia. Os deuses precisavam receber oferendas e sacrifícios. A recusa em fazê-los resultava em infortúnios para toda a sociedade. Os cristãos serão duramente criticados pelos pagãos por sua recusa em sacrificar aos deuses. As explicações, que vimos anteriormente, e as inquietações e incertezas de um mundo acometido pelas guerras, vão mudar esse direcionamento de espírito religioso. Haverá uma maior necessidade de se crer num deus do qual se possa estar sozinho. Haverá a necessidade de um deus que se “manifeste na

46 Ver GRANT, op.cit., p. 303.

47 Ver Ibidem., p.304.

48 BROWN, Peter. O fim do mundo clássico: de Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Verbo, 1972 pp. 65-66

pessoa” mesma e não que apenas estenda a benção de forma benéfica. ⁴⁹

Muitos se tornaram cristãos. A religião de Cristo saiu da Palestina, e se prolongou nas regiões do Oriente, Ásia menor, Roma e se espalhou por dois séculos em todo o Império. A partir de 140, aproximadamente, o cristianismo vai se afastando sociologicamente do contexto judeu- cristão⁵⁰, embora algumas tendências do mesmo ainda permaneçam na sensibilidade cristã. O cristianismo vai se tornando culturalmente greco-romano. Esse processo se completa no século III, excetuando de alguma forma a região da Síria, que ainda guarda muito do encratismo, messianismo e milenarismo do judeu-cristianismo.

A cidade de Alexandria se torna um grande centro cultural em fins do século II e início do século III. Sua posição geográfica favorece o encontro de várias civilizações, que promoviam o surgimento de um liberalismo religioso, susceptível as propagandas e proselitismos. É em Alexandria que o cristianismo assume o melhor do humanismo helenístico. Um grande representante desse helenismo é o cristão Clemente de Alexandria.

O fim do século II e início do III também são de intensa atividade cultural e religiosa. Além do cristianismo outras religiões orientais se espalham pelo império, principalmente na região do mar Mediterrâneo. No decorrer dos séculos II e III despontam, doutrinas cristãs heterodoxas, que já começam a causar conflito com a ortodoxia. O gnosticismo ⁵¹ espalha-se pelo império; sua ideia em Alexandria passa por um processo de helenização com Valentim e Basílides. O montanismo⁵² sai da Frígia, por volta de 150 d.C., com seu forte incentivo ao martírio e influencia a sensibilidade cristã ortodoxa. Os marcionistas ⁵³, outra heresia cristã, constituía uma verdadeira organização de igreja.

As igrejas da ortodoxia ou da Grande Igreja tinham cada qual sua tradição. Mas é a igreja de Roma que possui o maior pólo doutrinário. Este período também é o da organização da igreja cristã e de maior poder dos bispos. No século III expandiu-se de maneira extraordinária por todo o império; precisava de uma instituição organizada que cuidasse da comunidade. Basicamente, a organização da igreja era feita por diáconos, que estavam submetidos autoridade dos bispos. Os bispos eram responsáveis por regiões; parece haver nesse período também um “patriarcado”, onde um bispo era responsável por várias localidades, lideradas por outros bispos. Seriam uma espécie de “arcebispos”.

No período de Severo as inquietações montanistas espalham-se pela Itália e África.

49 Ibidem., p 54.ver essa idéia em Peter Brown

50 A igreja cristã vai, aos poucos, se distanciando de alguns aspectos das influencias judias

51 Gnosticismo é basicamente uma corrente dualista em que um deus, ou um poder inferior, cria o mundo e que o Deus bom está escondido. Esse Deus bom voltaria num tempo determinado. Esse gnosticismo aparece em vários desdobramentos.

52 O montanismo surgiu com Montano na Frígia, na metade do século II

53 Seu fundador foi Marcião. Caracteriza-se pela obrigação da continência e pelo gnosticismo da teologia de Cerdão. Este colocava em oposição o Deus “justo” do Antigo Testamento ao Deus “bom” do Novo Testamento.

Provavelmente essas inquietações motivaram Severo a promulgar o edito de 197 d. C. Este edito proibia o proselitismo cristão. Esta medida atingiu particularmente os catequistas e os catecúmenos, pois essas funções estavam relacionadas com a difusão do cristianismo. Severo não tinha hostilidade com o cristianismo, desde que este procurasse ter um acordo com o império. A motivação das perseguições de Severo é: a corrente de milenarismo, profetismo e entrega ao martírio. No caso do martírio, são os montanistas que mais o promovem. A juventude de Orígenes pertence a esta época. Seu pai foi martirizado na perseguição de Severo. Muitos catequistas de Alexandria partiram por causa das perseguições, que atingiram o Egito em particular. O filósofo Clemente de Alexandria também deixou sua cidade por essa época.

1.3- Filosofia helenística e novo espírito religioso do final do século II e início do século III

O cristão do século III não se coloca como à parte da sociedade, como querem fazer parecer os polemistas pagãos. Aceita os usos greco-latinos dos costumes da sociedade romana, rejeitando apenas o que considera idólatra e imoral. Em termos de moral e idolatria, a questão é mais complicada com relação a algumas práticas correntes no comércio e ao serviço militar e cívico. Podemos dizer, de certa maneira, que a cristandade romana é helenizada, mesmo aqueles grupos das classes inferiores. No final do século II e início do século III, virá à tona as atividades intelectuais dessa cristandade, que se apresentam em um número significativo. Esses intelectuais que, assim como a maioria dos cristãos, frequentam o comércio, os banhos públicos, o mercado e o fórum, também se preocupam em adquirir o conhecimento filosófico helenístico, para uma maior compreensão da própria religião cristã. Alguns desses intelectuais ficaram conhecidos na historiografia como apologistas, pois realizavam uma apologia favorável ao cristianismo, procurando apresentá-lo em termos filosóficos gregos. Dirigiam-se ao público pagão educado e aos imperadores. Eram de linguagem grega e se apresentavam na mesma expressão das obras pagãs. Queriam fazer o cristianismo ser respeitado perante os pagãos e os imperadores. Almejavam também ganhar mais adeptos. Mas, a tarefa de apresentar o cristianismo sob um verniz filosófico helênico não se mostrou nada fácil. Pois, o cristianismo não estava formulado em termos filosóficos universais, senão na relação de Deus com o povo judeu, ao longo da história. ⁵⁴Alguns termos filosóficos foram alterados em seu significado original pelos apologistas e correções a posteriori foram necessárias.

O século II é o século da retórica. Os retores se destacam nas salas de conferência na

54 Ver idéia em BLÁZQUEZ, J. M; Influjo de la filosofía griega em los pensadores cristianos. In:PIÑERO, Antonio; LOZANO, Arminda; MAZA, Clelia Martínez; MONTEAGUDO, Guadalupe López; ALVAR, Jaime; BLÁZQUEZ, José María; ARDANAZ, Santiago Fernández. (Orgs) Cristianismo primitivo y religiones místicas. Madrid: Cátedra, 1995 apud ARMSTRONG, A.H.p.227

sociedade romana. Elio Aristides, Dion de Prusa e Herodes Ático são responsáveis pela prosa da arte na retórica sob Antonino.⁵⁵ Há um certo ecletismo na nova Academia filosófica grega; todas as filosofias parecem confluir no império. O estoicismo de Marco Aurélio encontrou sua expressão mais elevada em termos de moral. O platonismo corrente do tempo era o platonismo médio que vai desde o século I a.C até o século III d.C. (desde Antioco de Ascalão até Plotino)⁵⁶. O platonismo médio foi a filosofia que mais influenciou o cristianismo no século II. O neoplatonismo vai do pagão Plotino e seus sucessores até o século VI. A filosofia neoplatônica influenciou o cristão Orígenes de Alexandria. A ideia de mais originalidade da doutrina neoplatônica é a de que o Um ou o Bem, princípio e origem da realidade, transcende ao ser e ao pensamento e é, portanto, incognoscível, ou melhor, impossível de ser conhecido.⁵⁷ O estoicismo, talvez, tenha influenciado em segundo lugar aparecendo de forma mais pontual. Outras filosofias como o aristotelismo podemos ver de passagem em Taciano e Atenágoras.

Os cristãos apologéticos eram homens cultos, informados da cultura de seu tempo e dispostos a mostrar que o cristianismo não é contrário a tradição, mas é dela sua herdeira.

Justino possui um estilo aticista de escrita⁵⁸; no início do *Diálogo com Trifão* imita o início dos diálogos platônicos.⁵⁹ Justino é o melhor representante do grupo dos apologistas do século II. Baseia-se suas doutrinas na revelação de Cristo. Estava influenciado pela ideia platônica de que a alma humana pode chegar a um conhecimento de Deus⁶⁰, porém, esse conhecimento só é possível através da revelação de Cristo. O estoicismo influenciou Justino, onde o *Logos* seminal não está no sentido da razão ígnea estoica,⁶¹ mas está no sentido de ser o Verbo e Deus, que coloca sementes de verdade em todos os homens, de modo que os filósofos tem pensado de alguma maneira conforme quer o Logos. Tudo o que é verdadeiro vem do Logos, que já teria se mostrado de alguma forma para os filósofos ao longo do tempo. O Logos é uma pessoa divina que se encarnou na natureza humana, ou seja, em Cristo. Assim, os cristãos possuem o Logos encarnado. Essa ideia era desprezada pelos filósofos pagãos greco- romanos.⁶² A destruição do mundo pelo fogo e o juízo final dos cristãos é comparada a *ecpyrosis* estoica.⁶³ Justino era um subordinalista onde o Pai é superior ao filho.

Em Orígenes, há um esforço em adotar o platonismo – mas especificamente o neoplatonismo — à teologia cristã, com influxos gnósticos e, talvez, indianos. A revelação é o

55 Ver DANIELOU, op.cit.,113.

56 Ver BLÁZQUEZ, op.cit., p.228.

57 Ver Ibidem., p. 229.

58 Ver DANIELOU, op.cit., p.113

59 Ver Ibidem., p.114

60 Ver BLÁZQUEZ., op. cit., p.231.

61 Ver Ibidem., p 232

62 Ver Ibidem., p. 232,

63 Ver DANIELOU, op, cit., p,114.

ponto de partida de suas doutrinas.⁶⁴ Suas ideias com relação as três pessoas divinas são encontradas em Plotino e nos neoplatônicos que aparecem posteriormente. Orígenes é um radical subordinalista, pois defende que o Filho é inferior e menor que o Pai, e o Espírito Santo é inferior ao Filho.⁶⁵ O Filho e o Espírito Santo são as duas pessoas intermediárias entre o Pai e o mundo dos espíritos. Para Orígenes, Deus criou uma comunidade de espíritos racionais, incorpóreos e iguais, teoria que se aproxima ao do platonismo médio.⁶⁶ Os espíritos da primeira criação pecaram e, segundo o grau de pecado, caíram, convertendo-se em anjos, em homens e demônios.⁶⁷ Os espíritos eram culpados por tais desigualdades e voltavam numa segunda vida conforme o grau de seus pecados. Assim, Deus criou o universo para dar morada aos espíritos caídos. Orígenes recorre a ideia platônica da reencarnação dos espíritos conforme distintos graus de escala; esta reencarnação poderia ocorrer em ciclos cósmicos sucessivos; pensamento que se aproxima do indiano.⁶⁸ Finalmente viria a *apocatástasis*, a restauração de todas as coisas, quando todos os espíritos, até os demônios, voltariam a sua pureza e igualdade original. Esta doutrina se chocou com a da Igreja que o considerou como herege. Há uma influência gnóstica em Orígenes, mas não no sentido dualista. O mundo foi criado por Deus e não por um poder mal por si mesmo

O apologista cristão africano Tertuliano também sofreu boa influência do estoicismo. “Su concepto de Dios, su noción da alma y muchos principios morales dependen de la filosofía estoica.”⁶⁹ Tertuliano não concebe nenhum ser real e substancial que não seja corpo, ou seja, Deus e alma são ao mesmo tempo espírito, o *pneuma* dos estoicos.⁷⁰ Deduz o conhecimento de Deus do universo e da alma humana.⁷¹ Isso faz com que Tertuliano seja o único materialista cristão. Ambas as pessoas, Pai e Filho, são iguais em essência e isso difere Tertuliano de outros apologistas, assim sendo, Tertuliano é um forte subordinacionista pois para ele o Pai, pode identifica-se com o Deus supremo dos filósofos pagãos, e o filho com Deus que participa na Terra.

1. 4- Polêmica literária entre pagãos greco-romanos e cristãos: apologias aos imperadores

Alguns dos principais apologistas do final do século II são: Justino, Melito e Taciano, discípulo de Justino. Estes intelectuais cristãos são do período antonino. Como já fora visto

64 Ver BLÁZQUEZ, op.cit., p.234.

65 Ibidem., p.234. Ver idéia do autor

66 Ibidem., p.234. Ver idéia do autor

67 Ibidem., p.234. Ver ideia do autor.

68 Ibidem., p.234. Ver idéia do autor

69 Ibidem., p.232

70 Ibidem., p. 232 Ver idéia do autor

71 Ibidem., p.232 Ver idéia do autor

antes, a situação jurídica dos cristãos permanece precária. No período antonino, as regulamentações jurídicas relativas aos cristãos ainda são do tempo de Trajano. Os cristãos são condenados por transgressão religiosa individual⁷². O governo não os investigava. Apenas havia o julgamento através de denúncias privadas e o denunciante teria que apresentar provas. Mas, no governo de Marco Aurélio, há um aumento na perseguição aos cristãos, principalmente por volta do ano 177 d. C.⁷³ Durante todo o seu governo Marco Aurélio procura dar uma resposta a problemas que surgiram no império, como a praga que ocorreu durante a guerra pártica e as fortes invasões germânicas.⁷⁴ Os cristãos aparecem como bode – expiatórios, e sua recusa a prestar culto ao imperador talvez seja a sua atitude mais provocadora. Por volta da data de 177 d. C. aumentam as perseguições e julgamentos à cristandade e com a novidade de que o governo consente na busca e investigação oficiais.⁷⁵ É neste período de maior recrudescimento da perseguição aos cristãos que surgem o duelo literário entre cristãos e pagãos.

Os polemistas pagãos começam a mudar a perspectiva da qual viam os cristãos. Antes do governo de Antonino, ainda existia a impressão de um cristianismo ligado ao judaísmo. O conflito entre o judaísmo e império está relacionado com as primeiras perseguições aos cristãos. O espírito apocalíptico judeu de certa forma presente em toda a cristandade, principalmente nos cristãos da Ásia, chama atenção do Império para eles. Essa mudança de visão se mostra de maneira progressiva no governo de Antonino; os pagãos reconhecem a originalidade dos cristãos, mas não sabem como defini-los. Para os intelectuais do tempo, os cristãos pertenciam ao mundo dos místicos orientais, onde impressionavam por suas práticas, causavam desprezo por seus duvidosos costumes. É imputado aos cristãos a fama de criminosos no sentido que praticavam costumes contra a humanitas. A má fama dos místicos orientais, existente no seio do paganismo intelectual, incidia sobre os cristãos e isso, obviamente, repercutia negativamente na opinião pública. É preciso ter em mente também que os cristãos, “ortodoxos” propriamente ditos, eram confundidos com montanistas, outros grupos dissidentes e gnósticos de todas os segmentos. Segundo Danielou, “[...] foi sem dúvida esta confusão que tanto prejudicou os cristãos”⁷⁶ O mais antigo testemunho a esse respeito foi o de Frontão, cônsul em 143 sob Adriano, e mestre de Antonino e Marco Antônio⁷⁷. Outro exemplo de criminalização dos cristãos é do filósofo cínico Crescêncio; segundo o que diz Justino, esse filósofo calunias de maneira infame aos cristãos, em 152 e 153 em Roma.⁷⁸

72 CHEVITARESE, op. cit. p.172 .Ver o termo “transgressão religiosa individual”

73 Ver Ibidem., p. 172.

74 Ver Ibidem., p 172.

75 Ver Ibidem., p. 172.

76 DANIÉLOU, op. cit. p.107

77 Ver Ibidem., p.107.

78 Ver Ibidem., p.108.

Outros polemistas pagãos apresentam o cristianismo de maneira mais moderada. Os cristãos são inocentes, mas são ingênuos, vítimas de charlatões e crentes numa fé sem fundamento. Um testemunho neste aspecto é de Luciano.⁷⁹ Sua obra *Vida de Peregrino* se situa sob o tempo de Antonino, Marco Aurélio e Cômodo. Outro polemista mais moderado aos cristãos é Galieno; reconhece a coragem dos cristãos perante a morte como também verifica que são capazes de levar uma vida filosófica, no entanto, censura os cristãos por sua credulidade ⁸⁰. Essa censura na obra de Galieno já apareceu em Luciano e retornará com Celso. Para este último⁸¹, o cristianismo é inocente mas fruto de superstições sem fundamento. O imperador filósofo Marco Aurélio critica os cristãos pelo seu espírito de oposição, que os levava a risco de morte.

De toda essa literatura anti cristã que acabamos de enumerar, o *Discurso Verdadeiro*, de 168, de Celso é a sua maior obra. O cristianismo vence uma nova etapa, pois já não se apresentava como fanatismo ou superstição sem importância⁸². É quase certo que neste momento tenha existido intelectuais cristãos, pois a radicalização dos polemistas pagãos aponta para esse fato.

A obra “*Discurso Verdadeiro*” de Celso, escrita por volta de 168 d. C, está perdida mais foi reconstituída ponto a ponto pelo cristão Orígenes, em meados do século III. Baseou-se em boa parte na filosofia para escrever sua obra. Leu uma série de textos do Antigo e Novo Testamento e está informado sobre o desenvolvimento da comunidade cristã⁸³. Ao contrário dos polemistas pagãos de séculos posteriores, como Porfírio e o imperador Juliano, muito pouco sabemos sobre Celso; porém sua obra é de grande importância para os debates cristãos e pagãos posteriores.⁸⁴ Segundo Gigon: “ Hay muchos puntos en los que Celso parece haber fijado la línea de discusión entre Antigüedad y cristianismo para las generaciones siguientes. Y esto vale no sólo para Porfirio y Juliano, ya que también los tratados de los cristianos, desde Tertuliano a San Agustín, adquieren, asombrosamente a menudo, su pleno sentido, si se los lee sobre el telón de fondo de los ataques de Celso.”⁸⁵

No “*Discurso Verdadeiro*”, Celso mostra uma imagem dos cristãos como pessoas, iletradas, ingênuas, sem capacidade de pensar filosoficamente suas opiniões, crendo numa fé cega e sem fundamento. Critica a ideia do Deus único dos cristãos, que não aceitam outras

79 Ver Ibidem., p.108.

80 Ver Ibidem., p.108.

81 Ver Ibidem., p.108

82 Ver Ibidem., p.108

83 Ver GIGON, op.cit., p.147

84 Ver Ibidem., p.147

85 Ibidem., p.147.

divindades menores, - auxiliadoras ao Deus supremo para os pagãos – mas acreditam nos *angeloi* (anjos), que possuem uma natureza mais questionável.

A ressurreição de Cristo não poderia ocorrer, pois existem objeções filosóficas a um revestimento da divindade com um corpo mortal, segundo Celso.

Os polemistas pagãos aproveitam -se das relações entre cristianismo e judaísmo para atacar aos cristãos. Celso não faz diferente e afirma que o cristianismo é um corte revolucionário do judaísmo; as dissidências cristãs também são resultado de cortes com o cristianismo primeiro. Dessa maneira, o elemento de insurreição estaria presente no cristianismo.

A falta de elegância linguística⁸⁶ do Novo Testamento também é alvo de críticas por parte de Celso. Isso se tornava um problema para os cristãos que reagiam neste sentido, tentando manter um dialogo de mesmo nível filosófico com os pagãos. Não havia outro remédio para os escritores cristãos, dos tempos pós apostólicos, mais que demonstrar, com suas próprias obras,⁸⁷ que seu desejo não era entrar em contato somente com gente humilde. Os autores cristãos queriam também levar o cristianismo à aristocracia romana.

Por último, Celso vai tratar em seu livro oitavo o que talvez seja o maior problema para os cristãos: a negativa de prestar culto ao imperador. Celso critica a ideia do cristianismo, de que não se deve servir a dois senhores, sem menosprezo de um deles. Para Celso, o que ocorre no mundo terreno não tem a ver com o mundo divino: o Deus supremo não possui inveja e seu poder não seria prejudicado se outras divindades menores fossem adoradas.⁸⁸ Vemos novamente a crítica à unicidade do Deus supremo dos cristãos.

Outro problema colocado por Celso é a recusa dos cristãos em oferecer culto aos daemones, demônios. Na interpretação que remonta a Jenocrates, as lendas dos deuses e as cerimônias de culto, que ofendiam a mentalidade dos filósofos são obra dos daemones.⁸⁹ Os cristãos entenderam que os deuses eram demônios. E, por consequência, os cristãos não lhe prestavam culto. Os daemones, no paganismo, eram “espíritos ambivalentes”, eram agentes do bem e do mal. Para os cristãos, os demônios eram apenas agentes do mal, e os cristãos precisavam lutar contra eles. Celso exorta aos cristãos que prestem culto aos deuses e aos daemones para não atrair suas iras.

Segundo Celso, o Deus supremo tem dado poder ao imperador sobre a terra. A não observância dos ritos dos deuses, a recusa de prestar culto ao *genius* do imperador e a não

86 Ver Ibidem., p.156.

87 Ver Ibidem, p.156.

88 Ver Ibidem., p.164.

89 Ver BLAZQUEZ, op. cit., 227

obediência ao serviço militar e aos serviços públicos, ocasionava a ira dos deuses. Podemos concluir que essa obra gerou inquietude em certos cristãos cultos: “Era preciso, por parte de los cristianos, un poderoso esfuerzo para salir al encuentro de adversarios como Celso, desde un plano de igualdad y para detener sus golpes, sin jugarse em ello la própria substancia.”⁹⁰

1.5- Os apologistas e o império: meados do século II a meados do século III. Justino, Tertuliano e Orígenes.

As duas primeiras apologias de que se tem notícia datam do período de Adriano. Nosso informante é Eusébio de Cesaréia; a primeira é a de Quadrato, que apresentou sua apologia ao imperador na época de sua estadia à Atenas; a segunda apologia é a de Aristides⁹¹. Mas é Justino que marca o início das apologias de relevo para a sociedade romana. Justino é sem dúvida o maior apologista do século II, tendo influenciado outros pensadores cristãos posteriores. Samaritano de família grega e pagã, procurou a sabedoria em diversas escolas até o momento que se converteu ao cristianismo. Sob Antonino, chega até Roma, por volta de 150, e lá funda uma escola cujo modelo é o das escolas pagãs. Entra num debate voraz com o filósofo cínico Crescêncio. É martirizado sob Marco Aurélio em 165. Bem pouco foi conservado de suas obras: *Discuso aos Gregos*, onde trata das questões dos filósofos e da natureza dos demônios; *Refutação (elenchos)*; *Sobre a monarquia de Deus* em que Justino trata do assunto não apenas a luz da Bíblia, mas conforme a obra dos gregos; *Sobre a Alma*, que evoca as opiniões dos filósofos gregos. “São problemas que se encontram na filosofia do tempo, em Plutarco, Albino e Galieno.”⁹² As obras de controvérsia são: *Diálogo com Trifão*, é um documento importante sobre a interpretação da Bíblia no século II; *Contra Marcião*, citada por Ireneu, que foi perdida e o *Tratado (Syntagma) conta todas as Heresia*.

As duas *Apologias* de Justino situam -se entre 150 e 165d. C. A primeira provavelmente é uma resposta às calúnias de Frontão, do qual já vimos antes. Foi destinada ao imperador Antonino. A segunda obra apologética foi talvez para Marco Aurélio. A ideia de ambas as apologias denota na ideia fundamental de que “[...] os cristãos representam a verdadeira piedade e que sua doutrina está em acordo com a dos melhores gregos, Sócrates, Heráclito,

90 GIGON, op. cit., 167.

91 Ver DANIÉLOU, op. cit. p. 110

92 Ibidem ., p.110

Platão”.⁹³ Justino também aborda a questão moral dos cristãos colocando – os como virtuosos e bons observadores das leis. Justino alega que os cristãos tem comportamento moral superior ao dos pagãos, no que se refere às leis romana. O cristianismo, para Justino, é a verdadeira filosofia que veio à luz para o mundo com Cristo. As filosofias helenísticas pagãs traziam algo da verdade, mas estavam incompletas.

Novo grupo de apologistas está relacionado com a perseguição de Marco Aurélio, entre 176 à 180d. C.⁹⁴. Melito apresenta sua apologia ao imperador, por volta de 176. Segundo Melito, a expansão do cristianismo pelo Império coincide com o desenvolvimento do poder romano. Parecem ser da mesma época as apologias de Apolinário de Hierápolis, Atenágoras e Melcíades da Ásia.

As apologias não se destinavam somente aos imperadores, mas aos greco-romanos em geral. É o caso do Bispo de Antioquia, Teófilo, no tempo de Marco Aurélio, que também interveio nas questões do tempo. É pela História que procura provar a verdade do cristianismo. O cristão sírio Taciano, discípulo de Justino, também escreve aos particulares em geral. Não parece ter escrito apologia a um imperador. Procura refutar os erros dos gregos em sua obra “*Discurso aos Gregos*”.⁹⁵ Comunga da mesma opinião de Justino de que o cristianismo é a verdadeira filosofia, mas, diferentemente de Justino, só vê deformações dela no paganismo.⁹⁶ Assim como para Teófilo, a argumentação histórica é importante para Taciano; a verdade é uma só. Ela foi comunicada a um povo bárbaro, o judeu. Vemos dessa forma a continuidade do cristianismo para com o helenismo pagão.

Os dois apologistas mais importantes do século III d. C são Tertuliano e Orígenes. Tertuliano, cristão africano é escritor de várias obras. Está presente intensivamente no debate entre cristãos e pagãos greco – romanos com seu excelente gênio de polemista.⁹⁷ Em suas obras (*Ad Nationes*, *Apologeticum*) trata da defesa do cristianismo perante as acusações dos pagãos; também move guerra contra os costumes pagãos (*De Spectaculis*, *De Cultu Feminarum*)⁹⁸ Tertuliano é o único dos apologistas cristãos que advoga uma oposição radical em relação ao Império. Seu cristianismo é de ordem apocalíptica, que opõe em todos os aspectos, cristianismo e Império. Seu desejo por uma igreja que enfrenta o mundo, e que não quer nenhum contato com ele, fez com que rompesse com a igreja de Cartago para se converter ao montanismo. Aos olhos de Tertuliano era o montanismo que representava o verdadeiro ideal cristão.

93 Ibidem., p. 110 - 111

94 Ver Ibidem., p.111.

95 Ver Ibidem., pp. 111 – 112.

96 Ver Ibidem., p.112.

97 Ver Ibidem., p.167.

98 Ver Ibidem., p.167.

O alexandrino Orígenes não se mostra contrário ao Império; não é contra a autoridade do imperador. Reconhece sua legitimidade divina dada por Deus, mas não concorda em prestar culto às divindades pagãs do panteão greco – romano. Para Orígenes, existem duas pátrias, a pátria divina de Deus e a pátria terrena. A pátria divina é superior a terrena, mas ambas se complementam. O governante da cidade terrestre é designado por Deus, para que se faça bom uso de seu poder. O mau uso deste poder é condenável. A ordem da cidade terrena garante o cumprimento da lei; a ordem divina a impõe: Segundo Sirinelli, “Mas embora afirmando a predominância indiscutível da parte espiritual, Orígenes procura sobretudo mostrar que essas duas ordens não tem nenhum motivo, com a exclusão do problema do juramento pelo império, para entrar em conflito.”⁹⁹

99 TOUCHARD. op. cit. 140.

Capítulo II

2- A vida de Orígenes e sua obra *Contra Celso*

Orígenes é sem dúvida o maior apologista dos séculos II e III d. C. A principal fonte de informação sobre sua vida nos provém de Eusébio de Cesaréia. A maior fonte de inspiração de Eusébio é a grande quantidade de cartas escritas por Orígenes; as informações nelas contidas estão no livro VI de sua *História Eclesiástica*. Outras duas fontes principais são um discurso de agradecimento de São Gregório, o taumaturgo e a *Apologia de Orígenes* de autoria de Pánfilo; este último a escreveu na prisão com a ajuda de Eusébio. Mas desta obra apenas existe o livro I na tradução latina de Rufino de Aquiléia. A Biblioteca de Fócio nos informa sobre o conjunto dessa obra na notícia 118.¹⁰⁰

Outras informações sobre Orígenes estão dispersas, escritas por vários autores: Jerônimo, o historiador Sócrates, Fócio e outros autores; muitas dessas informações parecem vir dos tomos que faltam da *Apologia de Orígenes* por Pánfilo, ou também de obras de Eusébio, perdidas, como a *Vida de Pánfilo*.¹⁰¹

É no reinado de Comodo que nasce Orígenes, em aproximadamente 185 d.C., na cidade de Alexandria no Egito. Seu pai Leônides, cristão, foi vítima da perseguição de Severo. Foi decapitado e os bens da família foram confiscados pelo governo imperial. A adolescência de Orígenes está no contexto da perseguição de Severo, que visava não a igreja em si, mas a divulgação do cristianismo. As ideias montanistas, de uma entrega ao martírio, e a vinda eminente da Parúsia, influenciavam a sensibilidade cristã do tempo; A juventude de Orígenes é marcada por essa sensibilidade, de um cristianismo de combate ao império.

Como o edito de Severo, por volta de 197, visava ao proselitismo cristão, atingindo também a função de catequista. Dessa maneira, muitos catequistas de Alexandria fugiram com o acirramento da perseguição. Orígenes, que ainda bem jovem teve que assumir o sustento de sua família como professor de letras, também foi incumbido, aos dezoito anos, da catequese de Alexandria. O bispo de Alexandria Demétrio foi quem entregou a tarefa da catequese ao jovem Orígenes.

Eusébio não diz quanto tempo Orígenes teve que assumir ambas as funções simultaneamente.¹⁰² Segundo Eusébio, ele concluiu que os estudos profanos não se

100 Ver CROUZEL, Henri, Orígenes. Un teólogo controvertido. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.p.5

- 6

101 Ver Ibidem., p. 6.

102 Ver Ibidem., p.15.

reconciliavam com a doutrina divina e por isso resolveu abandoná-los.¹⁰³ Provavelmente foi quando seus irmãos menores cresceram, e ficaram responsáveis pelo sustento da família, que Orígenes pôde se dedicar exclusivamente ao trabalho na catequese.¹⁰⁴ Vendeu sua biblioteca, resolvido a abandonar de vez os estudos pagãos, mais tarde, porém, voltaria a buscar nos estudos profanos do paganismo o auxílio para o ensino das escrituras sagradas.¹⁰⁵

Eusébio nos informa sobre uma perseguição no Egito em 202¹⁰⁶, que continua nos próximos anos, sob o prefeito do Egito Servaciano Áquila. Orígenes assiste a alunos seus durante o processo de martírio em Alexandria; fica presente com seus alunos no tribunal até o lugar do martírio causando indignação dos pagãos. Vemos que os alunos, os catecúmenos, foram particularmente atingidos pela perseguição do edito de Severo. Este imperador não era contrário aos cristãos em si desde que fossem partidários de um acordo com imperador. Devemos considerar também que as inquietações montanistas e outras ideias reacionárias suscitavam para toda a comunidade cristã o aborrecimento do poder imperial. Orígenes parece não ter sido incomodado serialmente pela perseguição, talvez pelo fato de pertencer a condição de “egípcio”¹⁰⁷, como a de sua mãe. Seu pai era cidadão romano, mas como o filho herdava a condição social mais baixa dos cônjuges, Orígenes não era *cives* romano.

No dizer de Eusébio, a catequese liderada por Orígenes chegou a ter tantos alunos que ela precisou ser administrada em dois turnos. Concedeu a turma de iniciados a seu discípulo Heraclas, e reservou-se aos alunos mais adiantados. Entre os alunos de Orígenes encontravam-se filósofos pagãos de renome e também alguns heréticos. É nesse momento que volta aos ensinamentos helenísticos, que renunciou quando vendeu seus manuscritos. Aos alunos mais adiantados ensina a filosofia junto com as suas ciências preparatórias como a geometria e aritmética, explica a doutrina das várias escolas filosóficas e os escritos dos filósofos.¹⁰⁸ A turma de catecúmenos propriamente ditos, são ensinadas as “ciências encíclicas” que são muito úteis para a explicação da escritura sagrada.¹⁰⁹

Verificamos em Orígenes, um típico cristão helênico de seu tempo, tendo realizado a continuidade entre filosofia pagã e cristianismo. Para ele o ensinamento grego era importante para uma melhor compreensão dos escritos cristãos. Para se aprofundar mais na filosofia de seu tempo, foi ouvinte de Amônio Saccas, filósofo de renome da época.¹¹⁰ Amônio também foi

103 Ver Ibidem., p.15

104 Ver Ibidem., p.15

105 Ver Ibidem., p.15

106 Ver DANIÉLOU, op, cit., p.157

107 Ver discussão em CROUZEL op, cit., pp.12-13.

108 Ver Ibidem., p.18

109 Ver ibidem., p.18

110 Ver Ibidem., p.19

mestre de seu discípulo Heraclas e parece ter sido o pai do neoplatonismo.¹¹¹ É interessante notarmos que este Amônio também é mestre de Plotino. Parece que Orígenes também foi aluno de Clemente de Alexandria, que foi discípulo de Panteno. Panteno, Clemente e Orígenes são da mesma escola cultural de Alexandria.

Orígenes ensina em Alexandria, entre os anos de 212 e 231 d.C. Pensava em realizar a Didascália, numa espécie de universidade em todas as ciências humanas estariam voltadas a melhor compreensão das escrituras;¹¹² essa idéia também era de Panteno e Clemente. Em quase todo esse período Orígenes também fez algumas viagens, segundo Eusébio: para Roma, na ocasião do pontificado do papa Zeferino (198 – 217 d.C.); para província romana da Arábia, a pedido de seu governador e participou da corte da família dos severos; Júlia Domna, viúva de Sétimo Severo, sua irmã Júlia Mesa e suas filhas Júlia Soêmia e Júlia Mamea demonstravam interesse nas questões religiosas.¹¹³

As suas atividades como escritor estão ligadas também a seu mecenas e amigo Ambrósio, um rico valentiniano que retornou a ortodoxia graças a Orígenes.¹¹⁴ Ambrósio coloca a disposição de Orígenes sete taquígrafos; estes se revezam para escreverem o que é ditado por Orígenes e há ainda copistas e mulheres jovens, treinadas na caligrafia, para copiarem os exemplares.¹¹⁵

Por volta da segunda estadia na Palestina, por volta de 230d. C. Orígenes foi ordenado bispo de Cesaréia, por Teoctisto, Bispo de Cesaréia¹¹⁶. Essa ordenação causou descontentamento no bispo de Alexandria, que declarou Orígenes indigno de ensinar e o expulsou de Alexandria.¹¹⁷ É acolhido por Teoctisto em Cesaréia. Esta cidade se transforma em grande centro intelectual com a presença de Orígenes. Ele passa a ensinar a alunos pagãos interessados no cristianismo. Ensinava-lhes a doutrina cristã sobre o prisma filosófico pagão; quando se interessam em se tornarem de fato cristãos, vão ter aula de catequese propriamente dita. Por essa época Orígenes recebeu um convite de Mamea, mãe do imperador Alexandre Severo, que convida Orígenes a falar sobre a doutrina de Cristo. Em geral, os severos após Sétimo Severo proporcionaram uma certa tranquilidade aos cristãos. Além de ser o “filósofo” cristão respeitado era também um grande pregador de assembleia. É em Cesaréia que Orígenes vai ter contato com a grande população cristã. Suas homilias possuem grande espiritualidade e tiveram influência no

111 Ver Ibidem., p.19

112 Ver DANIELOU, op. cit., p.195

113 CROUZEL, op, cit., pp.24-25. Ver esses dados em Crouzel

114 Ver Ibidem., p. 22.

115 Ver DANIELOU, op, cit., p. 195

116 Ver Ibidem. p.195.

117 Ver Ibidem, p. 195.

monacato especulativo.¹¹⁸

Após a morte de Alexandre Severo em 235, sobe ao poder o imperador Maximino. Surge uma nova perseguição aos cristãos. Seu amigo Ambrósio foi dela vítima. É por esta data que Orígenes escreve sua *Exortação ao Martírio*, endereçada a Ambrósio ¹¹⁹. Este sobrevive ao martírio e pede a Orígenes que refute o “*Discurso Verdadeiro*” de Celso. A obra mestra da apologética antiga.¹²⁰ *Contra Celso*, será dedicado a seu amigo Ambrósio

Orígenes escapou das perseguições de Sétimo Severo e Maximino. Mas da perseguição de Décio não consegue escapar. É preso, sofre várias torturas. Na ocasião da morte de Décio 251, é libertado mas morre sob o reinado de Galo por volta de 253.

A maior parte das obras de Orígenes são exegéticas. Foi o primeiro a aplicar o método alegórico. Há um número de homilias considerável. Mas, Orígenes proibiu os taquígrafos de tomarem suas notas, antes do sessenta anos. Orígenes é iniciador do neoplatonismo, como o é Plotino no paganismo. ¹²¹“Algo de novo começa com ele na história do cristianismo.”¹²² Suas obras eram de diversos tipos: o *Tratado dos Princípios* é uma suma teológica e o *Contra Celso* é a maior obra apologética antiga. Outras obras são: *Tratado da Oração*, a *Exortação ao Martírio*, os *Stromateis*, o *Tratado da Ressurreição* e as *Héxaplas*, reprodução em seis colunas as traduções gregas da Bíblia, o texto no hebraico e sua transliteração do mesmo em caracteres gregos.¹²³ É com as *Héxaplas* que funda a crítica bíblica.¹²⁴

Suas colaborações para a teologia e exegese apresentam mais contestações. Mas não são menos importantes. Orígenes nos mostra a construção de um sistema que abarca todas as tradições que herdou; seu ponto central é a fé comum ou a tradição eclesial. ¹²⁵Esta fé se prolonga numa gnose, que é a especulação do tempo sagrado e do espaço sagrado, das nações celestes e dos mundos sucessivos. ¹²⁶O sistema criado por Orígenes, único no gênero, se move em dois planos, como o sistema dos gnósticos. O mundo superior é de Deus, o Pai, transcendente e incompreensível. ¹²⁷O Filho é gerado eternamente, que é a sua imagem, mas uma imagem inferior, ao mesmo tempo uno e múltiplo, incompreensível e compreensível; em terceiro lugar surgem as criaturas espirituais, os *logicói*, espíritos puros, inicialmente todos iguais e que

118 Ver Ibidem. p.197.

119 Ver CROUZEL, op. cit., 52

120 DANIELLOU, op.cit., p.196

121 Ver Ibidem, 193

122 Ibidem., p.193

123 Ver Ibidem.p. 196.

124 Ver Ibidem. p.196.

125 Ver ibidem. p. 197.

126 Ver Ibidem. p.197.

127 Ver ibidem p.197.

participam no Logos. ¹²⁸Num segundo tempo, todos esses espíritos decaem por sua falta, permitindo que o amor neles esfrie. ¹²⁹Deus os associa a corpos mais ou menos pesados, conforme as suas faltas. Vimos este aspecto anteriormente com Blazquez sobre a queda dos espíritos e suas reencarnações. Os espíritos caídos são organizados no universo, que vai dos demônios mais infames aos anjos mais elevados, estando os homens ao meio. Num terceiro tempo, o Verbo de Deus, leva todas as liberdades a se converterem para Deus e a serem assim serem restauradas em seu estado de pureza original. ¹³⁰

Orígenes foi um apologista cristão que acolheu todos os valores da cultura grega, mas denuncia o que considera fraco no paganismo. ¹³¹ É muito inteligente a maneira como dialogou com a cultura pagã. Orígenes remete a idéia de restauração a processos de reencarnação, onde até Cristo passaria por eles. Esvazia o argumento da verdadeira historicidade, a característica principal do cristianismo, numa diluição nas ações de Cristo em processos reencarnatórios. Por esta razão Orígenes recebeu críticas da Igreja.

2.1- O Contra Celso: análise num viés político

Como já foi visto, Ambrósio pede a Orígenes que escreva uma obra refutando as ideias do “*Discurso Verdadeiro*” de Celso, autor pagão do século II. Ambrósio foi vítima da perseguição de Maximino (235 – 238). Tudo indica que o mecenas de Orígenes sobreviveu a perseguição e pediu para o mesmo escrever a obra, que foi concretizada por volta de 250. O imperador Maximino é um grande general corajoso mas exerceu forte dureza a seus súditos; aflige a aristocracia romana e aos cristãos. ¹³² Depois de um período de paz relativa no período dos severos, estoura uma nova perseguição com Maximino, que atinge particularmente os bispos – é por essa época que o papa Ponciano ¹³³ foi exilado. É provável que a sensibilidade “patriótica” dos pagãos em torno do imperador e de seu culto tenha aumentado nesta época. O pedido de Ambrósio supõe um reavivamento da polêmica literária em o torno da obra de Celso, escrita a quase cem anos atrás. Nesta esteira é necessário um contra-ataque cristão, no sentido de que ele não é contrário ao império romano. É neste contexto que Orígenes vai fazer a ligação entre a filosofia pagã e o cristianismo, procurando mostrar que o cristianismo é favorável ao império,

128 Ver Ibidem. p.197.

129 Ver Ibidem. p.197

130 Ver Ibidem., p.197

131 Ver Ibidem., p.197.

132 Ver Ibidem., p.213.

133 Ibidem., 213. Ver sobre o exílio do papa Ponciano. Ver sobre a perseguição de Maximino aos bispos. apud (H. E. 6,28)

excetuando no seu aspecto considera idólatra.

Como já foi visto, no seio do cristianismo existiam tendências provindas de um cristianismo mais exaltado. Tendências que incentivavam uma entrega ao martírio, como ocorreu na época de Severo, e que eram contrárias a qualquer tipo de acordo com o império, suscitavam contra toda a cristandade furor dos pagãos e o imperador. A cristandade da ortodoxia, ou da Grande Igreja, era de uma postura mais realista e não queria atrair para si o descontentamento das autoridades romana. Os cristãos tinham seus cultos fechados, participavam de uma rede social fechada, restritas aos irmãos que se ajudavam mutuamente; no entanto, participavam da sociedade romana. Eram artífices, comerciantes, administradores livres e, - em menor medida, mas não menos importantes - membros de famílias senatorias. É quase certo afirmar que a cristandade ortodoxa do século III não são contrários a autoridade do imperador. Pensadores como Tertuliano estavam na contramão do comportamento da maioria dos cristãos do século III. Os bispos incentivavam uma atitude comedida de seus fiéis. Apenas não concordam com o espírito religioso pagão que envolve o culto imperador.

2.2- A autoridade imperial

Orígenes trata dessa questão da autoridade ao imperador. Parece claro que o alexandrino queria remover um possível pensamento corrente na intelectualidade pagã: a desobediência ao poder romano:

“Celso declara em seguida: *Não se deve negar crédito ao antigo autor que outrora proclamou: “Que apenas um seja rei, aquele a quem o filho de Crono, o astuto, tiver dado esse privilégio”!* Se recusas esta doutrina, é provável que o imperador te castigue. De fato, ainda que todos os homens façam como tu, nada impedirá que o imperador fique só e abandonado, que todos os bens da terra caiam sob o poder dos bárbaros muito iníquos e selvagens, e que já não se ouça falar na terra nem da religião nem da verdadeira sabedoria. Sim, sem dúvida, que haja um só chefe e um só rei! Mas não aquele a quem o filho de Crono tiver concedido este privilégio, mas o homem a quem o tiver concedido aquele que estabelece os reis e os depõe, e que suscita na hora certa na terra o chefe útil. Não é o filho de Crono, o qual precipitou seu pai no Tártaro, como reza o mito grego, depois de o ter expulso do trono [...] mas é Deus que, governando todo o universo, sabe o que faz quanto à instituição dos reis.

Portanto, rejeitamos a doutrina de uma realza outorgada pelo filho de Crono, o astuto,

persuadidos de que Deus ou o Pai de Deus nada quer de astuto nem de tortuoso. Mas não recusamos a doutrina da Providência e das coisas produzidas por ela, nem principalmente, nem por via de consequência. Além disso, não é provável que um imperador nos venha a punir por nossa afirmação de que não é o filho de Crono, o astuto, que lhe outorgou o governo, mas aquele que estabelece os reis e os depõe. Certo, portanto, que todos os homens façam como eu, recusem a doutrina de Homero, mas conservem a doutrina sobre o imperador e cumpram o mandamento: Tributai honra ao rei! (1Pd 2,17).”¹³⁴

Celso fala do Deus superior da mitologia grega, Zeus. Refere-se a ele como “o filho de Crono”. É Zeus que manda a autoridade para o imperador. Orígenes não discorda da autoridade divina do imperador. O ponto de discórdia é a natureza do caráter divino dessa autoridade. Não é o Deus pagão quem designa a autoridade, mas o Deus dos cristãos ou o Logos. Orígenes não discorda também da doutrina da Providência¹³⁵ da qual repousa a legitimação divina dos reis. Orígenes foi buscar no estoicismo argumento para a resposta de Celso. A doutrina da Providência consiste na predestinação do rei para o governo; o imperador foi escolhido por Zeus. Orígenes aceita a ideia que o imperador tem uma legitimação divina para o governo; só não aceita a divindade pagã como designadora de poder. É o Deus dos cristãos quem dá o poder aos reis e aos imperadores. Procura mostrar que os cristãos são obedientes a autoridade imperial, pois reconhecem que o imperador é um enviado de Deus ou Logos.

Celso fala de invasões bárbaras, afirmando que se todos os homens fizessem como os cristãos, nada impediria a desproteção do imperador frente aos bárbaros. Celso parece afirmar tanto no aspecto religioso – a não prestar culto ao gênio do imperador – quanto ao aspecto político mesmo, onde o imperador ficaria sem apoio para combater os inimigos. Orígenes escreveu o *Contra Celso* no intervalo entre a perseguição de Maximino e a de Décio. Foi contemporâneo das desordens na sucessão imperial no ano de 238 e das lutas enfrentadas nas fronteiras. Apesar dos imperadores estarem envolvidos com as defesas das fronteiras e não terem tempo de se ocuparem dos cristãos, parecia sempre existir um risco eminente de se exigirem o apoio irrestrito da cristandade ao império. A obra de Celso faz eco neste século III, onde mais do que nunca o Império se vê ameaçado. Orígenes preocupa-se em dar uma resposta a sociedade romana, afirmando que o cristianismo está ao seu lado e ao do imperador.

134 ORÍGENES. *Contra Celso*. Tradução: Orlando dos Reis; Introdução e notas: Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2004. p.675 - 676

135 TOUCHARD, op, cit.,79 Sobre a doutrina da Providência, ver explicação.

2.3-O servilismo militar

“Logo a seguir, *Celso nos exorta a socorrer o imperador com todas as forças, colaborar com suas justas obras, combater por ele, servir com seus soldados se o exigir, e com seus estrategos*. A isso devemos responder: quando se apresenta a ocasião, damos aos imperadores um socorro divino, por assim dizer, revestindo-nos da “armadura de Deus” (Ef 6,11). Fazemos isso para obedecer à voz do Apóstolo que diz: “Eu recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças, por todos os homens, pelos reis e todos os que detêm a autoridade” (1Tm 2,1-2). E quanto mais piedade se tem, com tanto maior eficácia se socorre aqueles que reinam, bem melhor do que os soldados que saem a combate e matam tantos inimigos quantos podem.

Mas eis ainda o que se poderia dizer aos estranhos à fé, que exigem que combatamos como soldados pelo bem público e que matemos os homens. Mesmo aqueles que, segundo vós, são sacerdotes de certas estátuas e guardiães dos templos de vossos pretensos deuses, têm o cuidado de conservar sua mão direita sem mancha pelos sacrifícios, para oferecer àqueles que chamais deuses os sacrifícios tradicionais com mãos puras de sangue e de crime. E sem dúvida, em tempo de guerra, não alistais vossos sacerdotes. Portanto, se esta conduta é razoável, quanto mais não será a dos cristãos! Enquanto outros combatem como soldados, eles combatem como sacerdotes e servos de Deus; conservam pura sua mão direita, mas lutam com orações dirigidas a Deus por aqueles que combatem justamente e por aquele que reina com justiça, para que tudo o que se opõe e é hostil aos que agem justamente possa ser vencido. Além disso, nós que por nossas preces vencemos todos os demônios que suscitam as guerras, fazem violar os juramentos e perturbam a paz, damos ao imperador um auxílio muito maior do que os que vemos combater. E colaboramos com as causas públicas fazendo subir, na justiça, nossas preces associadas aos exercícios e às meditações que ensinam a desprezar os prazeres e a não mais os ter como guias. Mais do que os outros, combatemos pelo imperador. Não servimos com seus soldados, mesmo que ele o exija, mas combatemos por ele organizando um exército especial, o da piedade pelas súplicas que dirigimos à divindade.”¹³⁶

Quase todos os eventos da sociedade romana vinham acompanhados de culto ou reverências pagãs: jogos, festividades em geral, cerimônias das magistraturas e, sobretudo, o culto aos césores. “A religião politeísta, praticada nas cidades, tinha a elite municipal como

¹³⁶ ORÍGENES, op. cit p.681-682.

principal oficiante, através da ocupação de cargos sacerdotais; edificadora, através dos recursos gastos na construção e reforma dos templos; e patrocinadora, através do financiamento de banquetes e espetáculos.”¹³⁷ Esta questão se revela mais difícil para os cristãos no caso da participação da vida pública e do serviço militar. O servilismo público e o serviço militar nada possuem de imoral para os cristãos. O problema era os aspectos considerados idolátricos que acompanhavam os ritos que envolviam essas atividades. No caso da função de soldado nos deparamos com uma certa contradição no seio do cristianismo. Os catecúmenos que desejam ser soldados, recomenda-se que sejam afastados. Mas os cristãos convertidos que já eram soldados, não se exigem que deixem a profissão. Autores como Tertuliano e Orígenes afirmam que os cristãos, que se dedicam a uma milícia espiritual, não devam se dedicar a uma milícia terrestre. No entanto, admitem a necessidade de se terem soldados para o império. Para Orígenes os cristãos em geral não devem “sujar suas mãos” servindo como soldado na guerra, mas admite que seja necessários combatentes para as lutas. Na opinião de Orígenes, os cristãos ficariam com a função de serem soldados “espirituais” cuja a arma é a piedade através das orações.

Orígenes coloca um ideal de uma atitude cristã que é difícil de ser colocada em prática. Há muitos militares cristãos neste período que, inclusive, se tornaram mártires. Orígenes reconhece que é preciso ter soldados ao império, mas essa não deva ser a função dos cristãos. Existe uma outra possibilidade. Talvez Orígenes esteja falando de cristãos dedicados a “milícia espiritual”, ou seja, a uma vida de oração, numa espécie de sacerdócio, e não de cristãos em geral. Nesta esteira, os cristãos leigos poderiam servir ao exército, desde que já fossem militares na época de sua conversão. No entanto, fica a interpretação de que o ideal, para Orígenes, é de que todos os cristãos não se alistem ao serviço militar.

2.4 – As duas pátrias e as duas leis

O trecho da obra a seguir dá mostras de que Orígenes reconhece a ideia cívica de pátria. Para Orígenes existem duas pátrias ou cidades: uma cidade ou pátria celestial, pertencente a Deus, ou Logos, e a outra terrena:

“E se Celso quiser ver-nos servir igualmente como estrategos pela defesa da pátria, saiba

137 BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Práticas Culturais no Império Romano: Entre a Unidade e a Diversidade. In: SILVA, Gilvan Ventura da. ; MENDES Norma Musco (Orgs.). Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural. Riode janeiro; Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006. p.120

ele que também o fazemos, mas não para atrair os olhos dos homens e obter deles por esta conduta uma glória fútil. Nossas orações são feitas no segredo no íntimo da alma e sobem como as dos sacerdotes pela salvação de nossos compatriotas. Os cristãos são até mais úteis às pátrias do que o resto dos homens: eles educam seus concidadãos, ensinam-lhes a piedade com Deus, guardião da cidade; fazem subir para uma cidade celeste e divina os que levaram vida honesta nas menores cidades.”¹³⁸

No prolongamento das ideias de duas pátrias, Orígenes nos mostra duas leis:

“Devemos, portanto, falar de duas leis em geral: uma, a lei da natureza, da qual podemos dizer que Deus é o autor; a outra, a lei escrita das cidades. Quando a lei escrita não contradiz a de Deus, convém não perturbar os cidadãos com leis estrangeiras. Mas, quando a lei da natureza, quer dizer de Deus, ordena o contrário da lei escrita, vê se a razão não ordena que dispense os textos e a intenção dos legisladores e nos entreguemos ao Deus legislador e escolhamos uma vida conforme com seus logoi, ainda que tenhamos de enfrentar riscos, mil sofrimentos, a morte e a infâmia.”¹³⁹

Na opinião de Orígenes, existem duas leis: a lei divina, que ele chama de lei da natureza, e a lei cívica, que ele chama de lei civil. O cristão está submetido a ambas as leis. A lei divina, de Deus, é superior a segunda lei, da cidade, cívica; mas, as duas estão em acordo. Para Orígenes, o poder civil foi dado por Deus para que dele se faça bom uso. A obediência da moralidade da segunda lei garante a primeira lei e a primeira impõe a moralidade à segunda. Segundo Sirinelli: “Há, portanto, duas categorias de moralidade: o poder civil conserva e garante a primeira, elementar; a lei de Deus impõe e faz respeitar a segunda”¹⁴⁰ Dessa forma, o alexandrino salienta o caráter conciliatório entre ambas e não a sua eventual diferença em nível de hierarquia.

138 ORÍGENES, op. cit., p. 682

139 Ibidem., p. 421

140 TOUCHARD, op. cit. 140.

3- Considerações Finais

O Império Romano nunca passou, em toda a sua história, por tantas adversidades como as ocorridas no século III. Imperadores eram sucedidos numa rapidez trágica, para substituírem os que morriam, seja por combaterem com os inimigos externos, os bárbaros, seja em combate com seus próprios compatriotas. As pestes, a crise econômica, e os desastres naturais completavam o quadro sombrio deste período. No entanto, talvez nunca tenha havido tamanho desenvolvimento cultural, religioso e intelectual da sociedade romana. As incertezas de um mundo atormentado por tantos conflitos contribuíram para uma nova maneira de viver a espiritualidade. A maior parte da aristocracia está satisfeita com o modelo tradicional dos deuses da mitologia grega. Provavelmente não sentiu de maneira tão forte as inquietações dos eu tempo. Mas, obviamente, que isso não ocorreu de forma unânime entre a aristocracia romana. Um número significativo dela não ficou isenta a sensibilidade da época. Alguns de seus membros se tornaram cristãos. Muitas pessoas da população romana sentiu a necessidade de um Deus pessoal, que manifestasse sua realidade na pessoa mesma.

O cristianismo foi ao encontro dessas pessoas para dar-lhes conforto espiritual que precisavam. Mas não foi só o conforto espiritual que formou o rosto do cristianismo. Ele não foi só mais uma religião exótica do Oriente. Teve a pretensão — no bom sentido — de ser o ápice da Civilização Helenística. O Logos já aparacera entre os gregos, mas é com Cristo que se manifesta plenamente. Como pensavam Justino, no século II, e Orígenes, no século III, o cristianismo é a verdadeira filosofia. O cristianismo quis ser o prolongador da filosofia helenística pagã, mas num processo evolutivo, no sentido de melhorar, de retirar aquilo que considerava imoral na filosofia pagã. Orígenes foi um dos apologistas, que construiu o grande diálogo entre cristianismo e paganismo e coroou o cristianismo como a mais completa expressão da filosofia greco-romana..

FONTES

ORÍGENES. Contra Celso. Tradução: Orlando dos Reis; Introdução e notas Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLÁZQUEZ, J. M. Influjo de la filosofía griega em los pensadores cristianos. In: PIÑERO, Antonio; LOZANO, Arminda; MAZA, Clelia Martínez; MONTEAGUDO, Guadalupe López; ALVAR, Jaime; BLÁZQUEZ, José María; ARDANAZ, Santiago Fernández. (Orgs) Cristianismo primitivo y religiones mistéricas. Madrid: Cátedra, 1995

BROWN, Peter. O fim do mundo clássico: de Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Verbo, 1972.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Práticas Culturais no Império Romano: Entre a Unidade e a Diversidade. In: SILVA, Gilvan Ventura da. ; MENDES Norma Musco (Orgs.). Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural. Riode janeiro; Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006.

CHEVITARESE, André Leonardo. Cristianismo e Império Romano. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Orgs.). Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006.

CROUZEL, Henri. Orígenes. Un teólogo controvertido. Madrid; Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.

DANIÉLOU, Jean. Das Origens até ao Século III. In: DANIÉLOU, Jean ; MARROU, Henri. (Orgs.). Nova História da Igreja, 1 Dos Primórdios a São Gregório Magno. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

GIGON, O. La cultura antigua y el cristianismo. Madrid: Gredos: 1970.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Os Severos e a Anarquia Militar. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Orgs.). Repensando o Império Romano. Perspectiva, Socioeconômica, Política e Cultural. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006

GRANT, Michael. História de Roma Rio de janeiro; Civilização Brasileira, 1987.

TOUCHARD, Jean. História das idéias políticas, 1: Publicações Europa-América, 1970.